LEITURA • ESCRITA • RECURSOS

REFORÇAR

Conhecer os mecanismos implicados na leitura é útil para detetar e compreender as dificuldades

Autoria: Alexandra Reis / Luís Faísca / Tânia Fernandes

Edição: Andreia Lobo

Existem dois mecanismos cujo desenvolvimento deficitário compromete o objetivo último da leitura: a extração do significado do texto. Trata-se da conversão grafema-fonema e do reconhecimento visual automático das palavras. Dois tipos principais de dificuldade podem ser esperados: o leitor pode ter dificuldade na aprendizagem ou na automatização da conversão grafema-fonema e assim não consegue fazer uma leitura com precisão ou, mesmo tendo uma leitura com precisão, pode não conseguir ter uma leitura fluente.

A leitura é uma atividade complexa em que muitas coisas têm de correr bem para que um aluno se torne um leitor fluente, de sucesso e motivado. Os alunos têm de reconhecer que figuras tão parecidas como "c" e "e" (que apenas diferem num traço horizontal mínimo) ou "b" e "d" (que têm a mesma forma visual mas diferem na orientação) são letras diferentes; formas visuais tão diferentes como "A" e "a" ou como "R" e "r" são a mesma letra. Têm de aprender que as letras correspondem a sons, que alguns conjuntos de letras (e não uma letra apenas) correspondem a um único som (por exemplo, os dígrafos NH ou CH) e que uma mesma letra pode ser lida com sons diferentes, não sendo por isso verdade que para cada letra haja um único som. Têm ainda de ser capazes de fundir estes sons em unidades maiores, em sílabas e em palavras; compreender o significado das palavras e das frases e de parágrafos; têm de extrair o significado de textos de vários géneros literários.

Além deste conjunto de processos, os alunos têm ainda de ler com fluência suficiente para não perder "o fio à meada", ou seja, têm de compreender e manter em memória de trabalho o que foi lido e integrá-lo com o que estão a ler no momento. A compreensão de um texto pode ser uma atividade avassaladora se a leitura for lenta, laboriosa e a atenção estiver totalmente concentrada na decodificação, restando, por isso, pouco espaço mental para a interpretação do que está a ser lido. É por isso que **a rapidez na leitura correta é um bom barómetro do desenvolvimento desta capacidade, uma vez que indica quão automático o processo de decodificação é.**

A rapidez na leitura não é, no entanto, um fim em si mesmo, mas a indicação de que a leitura é automática. **Quando esta automatização ocorre, libertam-se recursos atencionais que podem ser orientados para outros processos mentais, incluindo a compreensão**. Além disso, os alunos também precisam de ter vocabulário e conhecimento linguístico suficiente para compreender o que leem (por exemplo, precisam saber o que

quer dizer "sinónimo" para perceber o significado da frase "gracioso é sinónimo de bonito") e competências de metacognição para extrair o significado de um texto e relacioná-lo com as suas vivências do mundo (por exemplo, para compreender onde reside o humor da expressão "ter muita lata"). Se alguma coisa correr mal em um ou mais destes processos, os alunos terão dificuldades na aprendizagem da leitura. Dada a multiplicidade de fatores envolvidos, é até surpreendente que o número de alunos com dificuldade não seja maior.

Existem **dois mecanismos cujo desenvolvimento deficitário compromete o objetivo último da leitura: a extração do significado do texto.** Trata-se da **conversão grafema-fonema** e do **reconhecimento visual rápido das palavras**. A sua importância modifica-se ao longo da aprendizagem da leitura. A criança começa por usar predominantemente a decodificação sequencial da palavra por conversão grafema-fonema, que no início é laboriosa, lenta e explícita, e, à medida que treina este mecanismo, começa a conhecer mais palavras escritas e a ser mais rápida no seu reconhecimento visual automático.

Aprender a ler é como aprender a andar de bicicleta: primeiro é uma atividade extenuante em que é necessário manter o equilíbrio, olhar para a frente, conseguir dar mais do que uma pedalada, mas que, com treino sistemático, se torna uma atividade gradualmente mais automática e divertida. Contudo, aprender a ler também é diferente de andar de bicicleta. Embora o reconhecimento visual de palavras familiares seja fundamental para uma leitura fluente, não é suficiente, uma vez que ao longo da vida surgem palavras novas para as quais a decodificação grafema-fonema será sempre necessária. Assim, **é importante compreender como a criança progride para esta forma mais avançada de reconhecimento visual da palavra** e **como é que o método de ensino pode favorecer esta progressão e a utilização otimizada dos dois mecanismos de leitura.**

Estes mecanismos têm sido contemplados em vários modelos sobre a aquisição e desenvolvimento da leitura. A teoria para o desenvolvimento da leitura elaborada por Uta Frith (1985) é um dos modelos mais conhecidos. Diz que a aquisição da leitura decorre ao longo de três fases, que correspondem a três estratégias distintas, desde o momento em que a criança inicia o contacto com o alfabeto até ao momento em que se torna um leitor competente, apto a ler correta e fluentemente:

a) Fase logográfica, em que a criança reconhece palavras com base nas características visuais distintivas ou em pistas contextuais, não podendo ainda ser considerada um leitor.

b) Fase alfabética, em que a criança usa regras de correspondência grafema-fonema para ler as palavras.

c) Fase ortográfica, em que as palavras são reconhecidas como conjuntos grafémicos, integrando unidades morfémicas (Frith, 1985).

A **fase alfabética é alcançada quando os conhecimentos grafofonémicos adquiridos pela criança lhe permitem fazer corresponder fonemas às letras constituintes da palavra**. Nesta fase, a criança é capaz de ler, ou seja, de decodificar qualquer estímulo que lhe é apresentado e que obedeça às regras de correspondência grafema-fonema, mesmo que tenha um significado desconhecido (por exemplo: "paraneca"). Este tipo de leitura, que continua a ser **importante ao longo da vida sempre que nos deparamos com palavras novas**, pode ser explicado pelo mecanismo ou via sublexical (ou de correspondência

grafema-fonema) do modelo das duas vias de leitura (Coltheart, Rastle, Perry, Langdon, & Ziegler, 2001).

Para a leitura se tornar fluente e automática, é necessário que esta se faça a partir do acesso a uma espécie de armazém mental onde estão arquivadas as palavras visuais conhecidas – o léxico ortográfico. Este acesso automático permite que o leitor não tenha de recorrer ao processo mais lento de decodificação grafema-fonema. **O reconhecimento visual rápido da palavra escrita permite ao leitor aceder automaticamente ao seu significado e à sua pronúncia.** Este tipo de leitura não envolve o estabelecimento de correspondências individuais entre grafemas e fonemas, mas exige que informação sobre a palavra visual e suas características visuo-espaciais (por exemplo, identidade e posição do conjunto de letras, configurações e comprimentos de palavras) estejam arquivadas em memória. Tal é especialmente importante para uma leitura correta de palavras com letras que escapam às regras de correspondência grafema-fonema como "linguística" ou "táxi", cuja pronúncia correta não é linearmente possível se não conhecermos estas palavras, ou seja, se não as tivermos armazenadas no léxico ortográfico. Esta estratégia de leitura corresponde à fase ortográfica da teoria proposta por Frith e poderá ser explicada pela via lexical (de acesso direto ao léxico) do modelo das duas vias (Coltheart et al., 2001).

De acordo com estas fases, **dois tipos principais de dificuldade** podem ser esperados. Por um lado, o leitor pode ter **dificuldade na aprendizagem e/ou automatização dos conhecimentos grafofonémicos e assim não consegue fazer uma leitura com precisão**, apresentando dificuldades mesmo na leitura de palavras que obedecem às regras de correspondência grafema-fonema. Por outro lado, **mesmo tendo uma leitura com precisão, não consegue ter uma leitura fluente**, revelando especiais dificuldades na leitura de palavras com letras que escapam às regras de correspondência grafema-fonema, e também nos processos de reconhecimento lexical.

Para uma recuperação atempada destas eventuais dificuldades é fundamental que, logo no início da aprendizagem formal da leitura e mesmo no período que a antecede, se proceda à identificação precoce de quem possa estar em risco de vir a desenvolver problemas na leitura.

Leituras Sugeridas

- Castles, A., Rastle, K., & Nation, K. (2018). Ending the Reading Wars: Reading Acquisition from Novice to Expert. *Psychological* Science *in the Public Interest*, *19*(1), 5-51. doi: 10.1177/1529100618772271

- Dehaene, S. (2012). *Os neurónios da leitura. Como a ciência explica a nossa capacidade de ler*. Porto Alegre: Editora Penso. (Tradução para o português do Brasil. Edição original de 2009)

- Morais, J. (1997). *A arte de ler: Psicologia cognitiva da leitura*. Lisboa: Edições Cosmos.

Ler também

APRENDER – As características dos processos de decodificação e codificação numa fase inicial da aprendizagem

DESENVOLVER – Aquisição progressiva das habilidades de leitura e escrita: de uma fase de controle consciente a uma fase de processamento automático

DESENVOLVER – Como a capacidade linguística, o conhecimento geral, as estruturas cognitivas e afetivas do leitor influenciam a compreensão da leitura